

Habilidades e competências sociais nos estudos linguísticos

Social skills and competences in linguistic studies

Ângelo Guilherme de Catarina Sacunga^{1*}, André Campos Mesquita²

¹ Lic. Escola superior Pedagógica da Lunda Norte. sacunga@hotmail.com

² PhD. Professor adjunto. Universidade Estadual de Maringá. andre.mesquita@usp.br

*Autor para correspondência: sacunga@hotmail.com

RESUMO

O artigo de cunho qualitativo, resulta face às exigências do curso de Mestrado em ciências de educação desenvolvido pela Universidade Lueji A'Nkhonde em convénio com a universidade de Educação/ São Paulo. Entretanto, estudar a linguagem humana constitui, desde sempre, verdadeira fascinação, sendo ela, o centro de interesses de vários ramos das ciências, como a Filosofia, da Biologia, da Antropologia, da Etnologia, da Psicologia e de tantos outros. Daí a razão por que ela tem sido abordada sob inúmeros aspectos, desde os mais abstractos que a reduzem, algumas vezes, a verdadeiras expressões lógicas até as suas representações mais concretas, procurando situá-la no seu contexto de produção. O foco da investigação centra-se numa abordagem de como as habilidades e competências sociais nos estudos linguísticos interferem eficazmente para a melhoria do estudo da língua portuguesa.

Palabras clave: Educação, Competências sociais, Estudos linguísticos, Habilidades.

ABSTRACT

The article, of a qualitataivo nature, results in the face of the requirements of the Master's degree in educational sciences developed by Lueji university A'Nkhonde in agreement with the University of Education / São Paulo. Meanwhile, studying human language has always been a true fascination, and it is therefore the center of interest of various branches of science, be it Philosophy, Biology, Anthropology, Ethnology, Psychology and so many others. Hence the reason why it has been approached in many aspects, from the most abstract that sometimes reduce it to true logical-mathematical expressions, to its most concrete representations, seeking to place it in its production context. The focus of research focuses on an approach to how social skills and competences in language studies effectively interfere with the improvement of the study of the Portuguese language.

Keywords: Education, Social skills, Language studies, Skills.

INTRODUÇÃO

A linguística é o estudo científico da língua como um fenômeno natural. É claro que quanto mais avançamos nossos conhecimentos sobre as características das mais variadas línguas naturais, mais bem formamos um entendimento do que é a língua como um todo (VIOTTI, 2008, p. 8).

Autores há ressaltam os estudos linguísticos remontam à Antiguidade Clássica e têm sido, através de toda a História, alvo de interesse dos estudiosos. Dentre os quais, Câmara (1975) organiza a abordagem desses estudos, separando-os em dois tipos. O primeiro deles, os *paralinguísticos*, são os que centram as reflexões sobre a linguagem em interesses filosóficos (estudo lógico da linguagem) e os que reconhecem nela a expressão da natureza biológica humana (estudo biológico da linguagem). Quanto aos outros, os *pré-linguísticos*, referem-se aos estudos centrados na separação entre o certo e errado, sendo considerada certa apenas a linguagem utilizada pelas classes sociais superiores; o esforço por conservar esses traços linguísticos deu origem aos chamados estudos de gramática. Câmara Jr. considera como “âmago da ciência da linguagem ou linguística” (p.12) apenas o estudo *histórico* e o *descritivo*. Reconhece, no entanto, que esses estudos não podem ainda ser considerados científicos.

São esses dois últimos aspectos que, segundo Coseriu (1980), também a historiografia linguística reconhece se alternarem relativamente ao interesse pelos estudos da linguagem.

DESENVOLVIMENTO

Diferentes concepções sobre a linguagem

Segundo o alemão Wilhelm von Humboldt, que viu a língua como “[...] uma incessante criação de cada falante, ou, como ele mesmo exprimiu através do termo grego, uma “energia” (CÂMARA JR.,1975 p. 29). Para ele, através da análise de todas as línguas mundiais, se poderia chegar a uma descrição da mesma noção grammatical expressa em diferentes línguas.

Saussure [1916]. (2004) Inaugurou a linguística moderna no reatar do século XX. Assim é considerado um marco da corrente linguística designada estruturalismo. Este autor refere que a linguística tem um único objecto de estudo, sendo a língua considerada em si mesma e por si mesma. Neste sentido refere à Langue e parole, sendo langue homogénea e social, sistema de signos, tesouro depositado, pelo exercício da fala, no cérebro dos falantes. Ao passo que parole é um acto individual de vontade, é algo heterogéneo e revelação da langue sendo accidental e acessória.

Saussure [1916]. (2004) aborda dois pontos, sendo:

- A língua é considerada um sistema homogéneo e estruturado;
- A separação entre sincronia e diacronia, apresentadas pelo autor como duas dimensões diferenciadas:

1- **Estática**; designada como sincrónica, sendo o foco através das características da língua vista como um sistema estável num espaço de tempo fixo.

2- **Histórica**; designada como diacrónica, pelo que o centro das atenções são as mutações que passam pelas formas de uma língua ao longo do tempo.

O autor (Saussure) determina a seguinte relação entre essas dicotomias:

- Os fenómenos variáveis não são visíveis na língua social, mas na fala pelo facto de serem individuais;
- A mudança dá-se em certos elementos, sendo satisfatório para que se reflita em todo o sistema;
- O falante não tem conhecimento das modificações que sucedem entre os estados como recortes sincrónicos da língua.

Ainda o Saussure, afirma sendo no início do séc. XX, a partir da publicação da obra o *Curso de Linguística Geral* organizado pelos alunos Bally e Sechehaye e assente nas ideias expostas nas aulas de Ferdinand de Saussure, que a Linguística passou a ser considerada Ciência. A Teoria da Variação

Linguística refere que a língua é heterogénea e de índole social. Três autores, lançam a proposta de uma teoria da mudança linguística, exibindo a relevância de se considerar os constituintes internos e externos à língua envolvidos no processo de mutação. Assim, a “interpretação dos dados em termos de mudança linguística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real.” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p.116).

Saussure [1916]. (2004) define uma analogia entre a língua e o jogo de xadrez como as peças que conseguem os novos valores a cada lance no jogo em decurso das posições que vão adoptando frente às demais. Assim na língua, cada mutação tem consequências sobre todo o sistema linguístico.

Por outro lado, Chomsky trouxe uma proposta teórica, que explica abstractamente o que é e como funciona a linguagem humana (KENEDY, 2008). Deste modo, o ser humano tem uma faculdade de linguagem inata, uma capacidade genética que possibilita ao homem falar e entender seu sistema linguístico. A linguagem e a comunidade estão associadas entre si de modo inquestionável. Assim, essa relação é a base da constituição do ser humano (ALKMIN, 2003).

O termo Sociolinguística surgiu, finalmente, em 1964 como título do trabalho apresentado por William Bright (Sociolinguistics) num congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O congresso reuniu linguistas interessados nos estudos das relações entre língua e sociedade. Para Bright (apud ALKMIM, 2003, p. 28) a Sociolinguística “[...] deve demonstrar a covariância sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.”

Para a Sociolinguística, como afirma Camacho (2003, p. 50), “[...] o exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar.”

Quanto a Teoria da Variação e Mudança tratam da estrutura e evolução da língua no interior do contexto social da comunidade de fala. Gregory Guy parte da visão de Labov sobre a comunidade de falantes e amplia-a. Guy (2001) refere-se a comunidade de falantes que se compõe a partir de três critérios:

- Devem ter uma frequência de comunicação elevada entre si, os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam dissemelhantes de outros grupos e devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

A mudança da língua, diz respeito ao vocabulário (léxico), quase sempre associados à variação regional. A mesma realidade é mostrada, conforme a região, por palavras distintas. Todavia, existe também usos variados segundo a situação – mais ou menos formal assentes na variação estilística ou diafásica. Assim, existem alguns casos de variação em termos lexicais:

- Campo da alimentação; jinguba – amendoim;
- Diversos estudos de Sociolinguística certificam variação fonológica em diferentes fenómenos do português falado em diferentes países.

Assim, na variação fonológica existem:

- Síncope; permite que haja uma tendência das proparoxítonas se igualarem às paroxítonas, mais frequentes no português. Neste sentido salientam-se o caso da romanização como littera > letra;
- Monotongação que consiste na transformação ou diminuição de um ditongo em uma vogal: do ditongo /ow/ em /o cenora por cenoura. Assim, do ditongo /ey/ em /e/: pexe por peixe;
- Epêntese vocálica; com a emissão de uma vogal entre consoantes, não representada na escrita formal; rítmico por ritmo;
- Palatalização; modificação de um ou mais fonemas em um fonema palatal como família em vez de família;

- A Desnasalização de vogais postónicas comporta a transformação de um fonema nasal em oral como co por com – no exemplo: vou co ele.

Considera-se a linguagem como fenómeno social, sendo indispensável recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que surgem da variação intrínseca ao sistema linguístico (CAMACHO, 2003). A análise da língua pode assentar numa dimensão interna e/ou numa dimensão externa como os seguintes tipos: Variação regional ou diatópica, variação social ou diastrática e variação estilística ou diafásica;

A variação diatópica ou regional, é a responsável pela identificação da origem de uma pessoa assente no seu modo de falar. A fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode mostrar reconhecidas características sociais dos falantes. A essa propriedade designa-se por variação social. Os principais factores sociais que condicionam a variação da língua são o nível socioeconómico, o sexo/gênero, o grau de escolaridade, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes. O mesmo falante pode empregar distintas formas linguísticas, dependendo da situação onde estiver inserido. A maneira de falar com uma família, não é a mesma como se fala com gente estranha. A função comunicativa vai se modificando conforme os contextos, como entre professor e aluno, patrão e empregado, colega e colega entre outros. As diversas funções sociais que as pessoas desempenham nas interacções que têm em distintos domínios sociais como na igreja, no trabalho, na escola, com os amigos são considerados “conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais [...] e são construídos no próprio processo da interacção humana.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 2).

Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística “compromete mutação; mas toda mudança compromete a variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 126).

Assim, a sociolinguística trata do estudo descritivo resultante de todas as vertentes da comunidade, englobando as normas culturais do uso da língua e dos resultados da prática da linguagem na comunidade. Na sociolinguística diferenciam-se três termos facilmente confundidos (FARIA; PEDRO; DUARTE e GOUVEIA, 2005):

- Variedade que refere aos distintos modos de exteriorização da fala no interior de uma comunidade, a partir dos distintos traços que a influenciam como sociais, culturais, regionais e históricos de seus falantes. A classificação da variedade linguística comporta os seguintes factores:
 - ❖ Socioleto, variedade linguística de um determinado grupo de falantes que repartem as mesmas experiências socioculturais;
 - ❖ dialeto, refere-se à forma especial de cada sujeito exprimir-se através da fala;
 - ❖ Cronoleto, variedade pertencente a uma determinada faixa etária, ou seja, modo próprio de uma geração manifestar-se.
 - ❖ Dialeto, tem a ver com o uso diferente de uma mesma língua em locais diferentes (FROMKIN e RODMAN, 1993).
- Variável refere à construção linguística cuja realização mostra variantes propostas pelo investigador. O termo variante é usado nos estudos de sociolinguística para salientar o traço linguístico como alvo de modificação. No exemplo de uma variação fonética, a variante é o alofone. Na linguística geral, o termo variante dialetal é empregado como sinónimo de dialeto;
- Variação linguística decorre de diferentes factores de mudança e dos valores que cada língua fixa para cada parâmetro, isto é a capacidade de as línguas modificarem-se em contextos diferentes, dentro de uma determinada sociedade (FARIA et al., 2005).

As variedades linguísticas são estruturadas correspondendo a sistemas e subsistemas apropriados às carências dos usuários. Os julgamentos valorativos sobre as línguas são, na verdade, julgamentos sobre seus falantes, o que leva à intolerância linguística, ao preconceito, um dos comportamentos mais nefastos contra as classes desprivilegiadas. É preciso ainda lembrar que é nessa variedade que se veicula o saber oficial: nela são redigidas as leis, distribuídas as informações pela grande imprensa; nela se estabelecem os contactos no espaço das instituições oficiais; sem o acesso à língua padrão, ou

melhor dizendo, às variedades cultas, enfim, estão vedados os caminhos que possibilitam o acesso ao poder.

O conceito de habilidade e competência

O termo competência tem sido objecto de amplo debate em várias áreas das ciências humanas, segundo Dutra (2010), foi McClelland (1973) o primeiro autor a expor o conceito de competência de forma estruturada. Dutra (2010, p. 28) esclarece que a partir da transformação do conceito em instrumentos de gestão, com a participação de gestores na construção desses instrumentos, levantam-se características da pessoa relevantes na gestão de competências: entrega exigida pela organização, a caracterização e a forma de mensurar essa entrega. Com esse instrumental, então, as empresas passam a articular estratégias empresariais e competências individuais. As competências passam a ser medidas “pelo que [as pessoas] fazem” e “pelo que entregam”.

Allal (2004, p. 81) aponta três proposições encontradas na maioria das definições de competência em educação: “(a) que uma competência comprehende diversos conhecimentos relacionados; (b) que se aplica a uma família de situações; (c) que é orientada para uma finalidade”.

A posição de Almeida Filho (2015) de que o professor jamais está vazio de competência completa essa perspectiva de que a competência é parte de um conjunto de características inherentemente humanas. O estudo das competências de professores de línguas é parte do campo da teorização da formação de professores em uma perspectiva reflexiva e é condizente com o movimento de profissionalização docente.

Habilidades e competências sociais

Concretizadas como atuações apropriadas, de acordo ao ambiente social no que nos encontramos, têm um papel muito importante no momento de estabelecer relações interpessoais e alcançar metas sociais. Mediante as habilidades sociais, expressamos e recolhemos opiniões, emoções e desejos, tentando que mediante as interações sociais se obtenham mais estímulos positivos e menos problemas (OLIVARES; MÉNDEZ, 2001).

Os termos “habilidades sociais e competência social” foram usados na literatura da intervenção social para descrever o comportamento social dos meninos (GOLDSTEIN; BROOKS, 2007). A competência social é um tópico de crescente importância para muitos profissionais no campo da educação.

Del Prette e Del Prette (2009) postulam que, para desenvolvermos relacionamentos bem-sucedidos com a sociedade em geral, precisamos adquirir habilidades sociais, que são condutas particulares exibidas em casos igualmente específicos e são avaliadas como adequadas ou não na realização de determinada tarefa.

Assim, habilidade social pode ser entendida, segundo Del Prette e Del Prette (1998, p. 205), como “[...] a capacidade para estabelecer e manter interações sociais simultaneamente produtivas e satisfatórias diante de diferentes interlocutores, situações e demandas.” Ainda, em conformidade com os autores supracitados, essa área busca identificar, definir e avaliar as habilidades sociais e os demais fatores associados ao julgamento da competência social do indivíduo.

Segundo Caballo (1987) os tipos de habilidades sociais são: dar e aceitar elogios, expressar afecto, iniciar e manter conversas, defender direitos, expressar opiniões incluindo agrado e desagrado, desculpar-se e saber lidar com as críticas.

Murta (2005) acrescenta que essas habilidades estão relacionadas aos comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, conforme características típicas de cada contexto e cultura. Podem incluir comportamentos como: iniciar, manter e finalizar conversas; pedir ajuda; fazer e responder a perguntas; fazer e recusar pedidos; defender-se; expressar sentimentos de agrado e desagrado; pedir mudança no comportamento do outro; lidar com críticas e elogios; admitir erro e pedir desculpas; e escutar empaticamente.

Dessa forma, a competência social é uma característica avaliativa desse desempenho, a qual será determinada a partir da sua funcionalidade e da coerência com os pensamentos e sentimentos dos indivíduos. As habilidades sociais são aquelas classes de comportamentos existentes no repertório do

indivíduo que compõem um desempenho socialmente competente (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). E nesse sentido, implica o uso de instrumentos de avaliação baseado em critérios, sendo eles: o alcance dos objectivos da interacção; a manutenção ou melhoramento da auto-estima; a manutenção ou melhoramento da qualidade da relação; maior equilíbrio entre os ganhos e as perdas entre pares e respeito e ampliação dos direitos humanos básicos. **Habilidades e competências sociais na escola**

Sendo a família e a escola as duas grandes instituições com responsabilidades principais sobre o desenvolvimento do indivíduo, e com base ao Silva (2004), salienta-se o papel da família, uma vez que esta é o primeiro agente socializador da criança, que oferece modelos de comportamento e modelação da conduta social através de práticas disciplinares tornando-se um exemplo na transmissão de valores, regras e capacidades sociais que lhe permita uma melhor adaptação e relação com o contexto social

As habilidades e competências sociais desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos indivíduos em geral, e, especificamente, no seu funcionamento na escola (LEMOS e MENESES, 2002).

Os alunos precisam ser guiados e treinados socialmente enquanto aprendem formas de comportar-se e adaptar-se a seu ambiente. Não nascem sabendo como comportar-se no mundo social, nem sabem os nomes das emoções. Isto é algo que precisa ser ensinado para que eles sejam capazes de desenvolver suas capacidades sociais e emocionais (SANTOMAURO; CARTER, 2011).

A falta de habilidades sociais foi atribuída a muitas causas. Algumas são: o tamanho da turma, as dinâmicas da aula, segurança e amparo, exposição a companheiros entre outras.

Dentro e fora do ambiente escolar o professor se faz uma figura essencial no desenvolvimento e na construção de profissionais, mas, além disso, de cidadãos hábeis a desenvolverem seus papéis e exigirem seus direitos. De acordo com Meireles (2009), um adequado relacionamento entre professor e aluno favorece um ambiente educativo em que o aluno encontra em si mesmo as suas potencialidades e valores tendo em vista a busca pelo conhecimento. Compete ao professor a função de educar o aluno para que este cresça socialmente e intelectualmente.

Del Prette e Del Prette (2011) apontam três dimensões descritivas do construto habilidades sociais: a dimensão comportamental que inclui comportamentos como fazer pedidos, iniciar conversação, expressar desagrado, manter conversação assim como autoridade/liderança, humor/formalidade, afetividade; dimensão pessoal, incluindo as percepções, expectativas, pensamentos, sentimentos, percepções, conhecimento de normas, valores sócio-culturais, auto-avaliação, que podem afetar de alguma forma o desempenho social habilidoso. A dimensão situacional, isto é, o contexto ambiental em que o desempenho social ocorre, constituída em termos de: atingir objetivos imediatos de desempenho social, manter ou melhorar a relação interpessoal, manter ou melhorar a auto-estima.

Meireles (2009), ainda, postula que quanto melhor for o repertório de comportamentos sociais habilidosos dos professores, melhor será o seu relacionamento com os alunos, posto que um professor socialmente habilidoso poderá ser mais efetivo ao estimular uma boa comunicação entre os alunos, além de ser um exemplo de bom desempenho social. Com um mundo de trabalho e tecnologia exigindo cada vez mais habilidades de cooperação, faz-se necessário que o professor atue de forma mais integrada, e, para que isso, aconteça, ele precisa se perceber como integral, social, não somente inteligente do ponto de vista acadêmico.

CONCLUSÕES

Finalmente o artigo, como que iniciado pautando por uma análise bibliográfica, procurou demonstrar caminhos que levam a uma interpretação sobre habilidades e competências sociais nos estudos linguísticos, segundo o qual e se apoiando em distintos autores a identificação das componentes sociais ideais de um professor em sala de aula foram identificados comportamentos relacionados a um bom desempenho social na prática docente. Procurou-se mostrar em síntese como as habilidades e competências sociais interferem para o melhoramento do estudo da linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, T. (2003). **Sociolinguística. Introdução à linguística; domínios e fronteiras.** 3. ed. São Paulo: Cortez;
- ALLAL, L. (2004). **Aquisição e Avaliação das Competências em Situação Escolar.** Porto Alegre: Artmed;
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. (2012). **Quatro Estações no Ensino de Línguas.** Campinas, SP: Editora Pontes;
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2004). **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial;
- CABALLO, V. E. (1987). **Teoria, evaluacion y entrenamiento de las habilidades sociales.** Valencia: Promolibro;
- CAMACHO, R. G. (2003). **Introdução à linguística; domínios e fronteiras.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CÂMARA J. R. (1975). **História da linguística.** Petrópolis: Vozes;
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. IHS (2011). **Inventário de habilidades sociais: manual de aplicação, apuração e interpretação.** São Paulo;
- DUTRA, J. S. (2010). **Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna.** São Paulo: Atlas;
- FARIA, I. H., PEDRO, E. R., DUARTE, I., GOUVEIA, C. A. M. (2005). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa.** (2^a ed). Lisboa: Caminho Colección Universitária.
- FROMKIN, V., RODMAN, R. (1993) **Introdução à Linguagem.** Coimbra;
- GOLDSTEIN, S.; BROOKS, R. B. (2007). **Understanding and managing children's classroom behavior: creating sustainable, resilient classrooms.** Nueva Jersey;
- GUY, G. (2001). **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas.** In: **II Congresso Internacional da ABRALIN.** Fortaleza. Anais;
- KENEDY, E. G. (2008). **Manual de lingüística** In Martelotta, Mário Eduardo. São Paulo: Contexto;
- LEMOS, M. S., MENESSES, H. I. (2002). **A Avaliação de Competência Social: Versão Portuguesa da Forma para Professores do SSRS;**
- MEIRELES, R. M. (2020). **As relações entre as medidas de habilidades sociais do professor do Ensino Fundamental II e seu desempenho social em sala de aula.** Mestrado em Psicologia Social. Universidade Do Estado do Rio de Janeiro;
- MURTA, S. G. (2005). **Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional;**
- OLIVARES, J.; MÉNDEZ F.J. (2001). **Técnicas demodificación de conducta.** Madrid, 3^a ed. Biblioteca Nueva;
- SANTOMAURO, J.; CARTER, M. A. (2011). **Activities for teaching emotional, social and organisational skills.** Londres: Jessica Kingsley Publishers;
- SAUSSURE, F. de, (2004). **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix;
- SILVA, E. R. (2004). **Uma Reflexão sobre a Ideia de Competência e Implicações Educacionais.** Tese de Doutorado, São Paulo;
- VIOTTI, E. de C. (2008). **Introdução aos Estudos Lingüísticos.** Florianópolis;

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. (2006). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial.

Síntese curricular dos autores

Ângelo Guilherme de Catarina Sacunga: Licenciado em Ciências de Educação pela Escola superior Pedagógica da Lunda Norte, opção linguística portuguesa, pós graduado em administração pública e administração de empresas pela FUNIBER e Mestrando em Ciências de educação pela ULAN.

André Campos Mesquita: Doutor em linguística portuguesa da UNICAMP, MB em Gestão Educacional pelo CUFMU, Pós Doutorado em filosofia e língua portuguesa pela USP-DLCV-FFLCH. Professor adjunto do departamento de língua português da universidade estadual de Maringá, Autor do livro Darwin- o naturalista da evolução (2010) e Augusto Comte-Sociólogo e positivista (2011), Fascismo, o que é (2020).